

TEXTOS INFORMES EMIGRAÇÃO UNIVERSITÁRIA

Flávio L. Motta

EPIGRAFE

"Je ne crois pas avoir caché au lecteur les difficultés inhérentes au sujet. J'ai, par contre, traité à dessein d'une façon sommaire les fondements empiriques et physiques de la théorie, afin que le lecteur qui n'est pas bien familiarisé avec la physique ne se trouve dans une situation semblable à celle du voyageur que les maisons empêchaient de voir la ville.

Puisse ce petit livre être un stimulant pour beaucoup de lecteurs et leur faire passer quelques heures agréables"

A. EINSTEIN (1)

Quando perguntei ao ex-Secretário da Saúde do Governo do Estado do Ceará, qual era, para ele, o diagnóstico, o ponto vulnerável, aquele que merecia maior atenção dos cientistas, dos estudiosos, dos universitários, dos homens públicos, da gente cearense e, de certo modo, de todos nós, respondeu categoricamente: é a fome — endêmica e milenar.

Ela arrasta todo o resto; imprime malefícios que em outras regiões são consideravelmente atenuados, devido ao jeito do povo se nutrir. Nem por isso, na cidade grande, a fome conhece um cerco intransponível. Aqui — continuava o médico em suas considerações — a fome torna as moléstias mais graves. E eu que atravessava um trecho do sertão em companhia daquele respeitável patricio, juntei ao silêncio da hora ensolarada, o motivo da minha permanência no Ceará: estudar o problema da habitação popular e as relações com o desenho industrial. Parecia uma ironia: ir tão longe, para depois falar de tão perto a uma audiência talvez mais

Einstein, Albert — *La relativité*, Paris, Payot, 1956.

distanciada. Salvou-me o otimismo popular "como um corisco que abre o bucho do céu". Meu pensamento sobre a fertilidade foi tão rápido, como precisa e fulminante é a frase de Euclides: "O martírio do homem, ali é, o reflexo de tortura maior, mais ampla, abrangendo a economia geral da vida". (Cunha, Euclides — *Os Sertões*. Rio de Janeiro, Edições de Ouro, 1967, p. 55). Assim foram se sucedendo outros aclaramentos desse antológico escritor. Era como se o livro voltasse a renascer, já sem folhas, árvore sofrida, replantado na terra que lhe deu a seiva sagrada. Voltava com um desenho mais nítido, estendendo seus galhos em direção ao caminhante sôfrego. Comprimia as entranhas. Ia ao âmago de todas as energias orgânicas. Atingia o limiar de uma angústia inenarrável. Depois, eu iria buscar em (Kierkegaard, Sören — *O Conceito da Angústia*, Santa Maria de Lamas, Editorial Presença, 2.^a edição, p. 63, s/d.) uma apreciação mais elaborada, à pergunta: "O que há então? Nada. Mas que efeito produz, este nada? Este nada, engendra a angústia. Eis o mistério profundo da inocência: ao mesmo tempo é angústia. Sonhador, o espírito projeta a sua própria realidade que é um nada, e a inocência vê continuamente diante de si este nada". E recobrava o significado; mas não ainda suficientemente completo que viagens outras dispensassem novas verificações e restabelecem a exterioridade do destino. Não é ao espectro que recorro. É ao desterrado, ou com precisão maior, à obstinação da espera que se circunscreve numa indagação inabalável. Por que falar com palavras outras aquilo que Euclides fixou com sentido tão exato, ao referir-se ao soldado morto?: "O destino que o removera do lar desprotegido, fizera-lhe afinal uma concessão: livrara-o da promiscuidade lúgubre de um fosso repugnante; e deixara-o ali há três meses — braços largamente abertos, rosto voltado para os céus, para os sóis ardentes, para os luazes claros, para as estrelas fulgurantes... E estava intacto. Muchara apenas. Mumificara conservando os traços fisionômicos, de modo a incutir a ilusão exata de um lutador cansado, retemperando-se em tranquilo sono, à sombra daquela árvore benfazeja. Nem um verme — o mais vulgar dos trágicos analistas da matéria — lhe maculara os tecidos. Volvia ao turbilhão da vida sem decomposição repugnante, numa exaustão imperceptível. Era um aparelho revelando de modo absoluto, mas sugestivo, a secura extrema dos ares (Cunha, Euclides — *Os Sertões*, Rio de Janeiro, Edições de Ouro, 1967, p. 28).

Era também como se o homem fosse um fruto seco de uma árvore ainda mais esgotada.

Como poderia eu, naquele Ceará de retemperadas lutas, incomensurável generosidade, destituído de servilismo, e inflexível na altivez, desfazer-me em demagogia, prometer o impossível, acenar esperanças diante da integridade maior ou da sagacidade dos herdeiros da "Padaria Espiritual"?

Tudo o que cabia era aprender.

Constituiu um pouco daquilo que aqui chamei "Estudo de Problemas Brasileiros". Fui a serviço de duas Universidades — a do Ceará e a de São Paulo (USP) — e também atendendo a uma preocupação do Ministério da Indústria e Comércio, no estudo do Repertório Popular e suas eventuais implicações no Desenho Industrial, no problema da Habitação Cearense e naquilo que no referido Ministério

se designou como "Memória Nacional", isto é, um centro de referência para situar e dinamizar os valores culturais por todos os recantos do País, apontando as fontes de consulta, evitando assim, num processo descentralizador, a sonegação do conhecimento para os brasileiros da vida brasileira.

Assim entendi. Assim espero.

O Plano de Trabalho, depois de devidamente apresentado aos departamentos daqui e de lá — ambos ligados à Arquitetura — passou a sofrer evidentes processos de aprimoramento, ainda dentro de um período preparatório, fora do ano letivo, durante sucessivos seminários, com a participação de professores, ex-alunos, arquitetos, estudantes e outros estudiosos pertencentes à Universidade Federal do Ceará. Reiniciadas as aulas, o Seminário (1976) prosseguiu, adotando como norma, sempre que se fazia indicado, mimeografar o resumo dos debates ou das comunicações. Assim, juntos, buscamos precisar alguns termos, estabelecer critérios de linguagem e metodologia capazes de conduzir a um entendimento conseqüente, apesar dos erros generosos, não raro fruto do entusiasmo de começar um trabalho promissor; evitar um imobilismo perfeccionista; animar uma participação mais ampla dos interessados para que os erros iniciais se convertessem em ensinamentos próprios à vida universitária. Era preciso, em primeiro lugar, apreender a errar. Mas era preciso continuar, para tirar do erro, a verdade mais aproximada, dentro das possibilidades e das necessidades inquestionáveis.

Verifiquei com eles, quanto comprometimento existe entre o habitar e o construir — a casa e a cidade; o uso do solo, seja para edificar, para plantar, ou mesmo para preservar áreas de convivência, de lazer; valores históricos, culturais, paisagísticos; condições de ventilação da cidade, qualidade do ar, salubridade e toda a inteligência na feitura de instrumentos; o uso da rede; a maneira do cearense viver; a criança que prefere a duna ao "play ground"; o respeito à cultura emergente, tida por vezes como pobre, mas, nem por isso, destituída de universalidade, pela singeleza das soluções. Sem impetuosidades predatórias, se serve de uma lógica incomum, cujas raízes, históricas e sociais são objetos de investigações exemplares, como já o demonstraram Capistrano de Abreu, Clóvis Beviláqua, José de Alencar e tantos estudiosos. Enfurnados alguns outros na obscuridade cautelosa, que o zelo e o trabalho rigoroso solicita, vivem tangencialmente. Também eles resplandecem, inconfundíveis, por uma fissura qualquer. Desvelam, num gesto amigo, com toque muito recatado de cearense, a inteligência bem furnida e organizada. Mas nem sempre dão conta do diabo que tem pela frente.

Homens metidos entre o mar, o sertão e a serra, não se constituem num todo homogêneo. Além disso, fazem questão do reconhecimento da individualidade. Estão mais para ser povo de múltiplos interesses, do que massa uniforme e condicionada.

Nos modos de ser, misturam ternura com rigor inflexível: a forma de convidar para uma visita, alegre na hospitalidade cometida; o trato com a alimentação; o sentido da oferta. Lúcio Costa dizia que Le Corbusier não era religioso, mas tinha o sentimento do sagrado. Para mim, avançaria a hipótese audaciosa de que

o cearense é religioso, mas não tem o senso do sagrado: os santos são para eles "gente lá de casa"; vivem sob o mesmo teto e estão na mesma mesa. Porém a terra, que alguns chamam "chão sagrado", é mais uma advertência: "Vê onde pisa!"

Durante o período que ali vivi, conheci o quanto parecia acertada a aproximação dos artistas com os cientistas. Mostraram-me realidades tão singelas e verdadeiras, que só uma aguda sensibilidade preservaria esses liames humanistas. Verifiquei, mais uma vez, que não se deve pôr a mão naquele ambiente, só por "espírito modernoso", afoito progressismo, mormente sabendo, que o moderno é a melhor forma que a antiga sabedoria chega para todos. Conhecer nem sempre é modificar, mas também respeitar o bem feito, mesmo sem saber quem o fez. E a Universidade que nasceu no bairro do Benfica, surgiu com a própria cidade, sem o destino de ser murada, mas, pelo contrário, com a vocação de se espriar por toda Fortaleza e ir além dela; não conhecer limites rígidos entre o campo e a cidade, mantendo relações cuidadosamente consideradas, no trabalho que liga o plantador de mandioca àquele realizado pelos eruditos, cheios de zelo pelos livros, documentos e outras fontes do saber: essas formas acrisoladas do conhecimento milenar da humanidade. E, além disso, muita ancestralidade valiosa, para recompor a gâneses das nacionalidades e evitar os crimes dos quais Euclides se referia nas últimas duas linhas d'"Os Sertões".

Gênese da nacionalidade, sim! Mas sem ignorar sua metamorfose popular, fundada nas relações de reciprocidade.

E assim, surgiu a idéia da edificação de uma casa para hospedar, por tempo considerável, convidados (estudiosos, cientistas, artistas) para colaborar com a Universidade Federal do Ceará. Considero que a construção é um fator essencial no processo do conhecimento. Não a pura fabricação, em seu caráter repetitivo, mecanicista. Acresce que, construir é também estabelecer relações da natureza humana, relações de reciprocidade — como já dissemos. É um fazer também se fazendo. É a criação do indivíduo-social: apreende melhor a amplitude e o significado das relações humanas, tanto históricas como socialmente. Acaba por situar-se, adequadamente, na sociedade; ele se pertence mais, se desaliena, para usar um termo tão caro a Grotius ou a Lalande.

Isso equivale a formar a própria sociedade do futuro, com zelo pela vida, nos seus processos de produzir e reproduzir, pacificamente, embora possa até ser animada por uma utopia ou uma profecia e consubstanciada por uma poesia.

Pois não escreveu o poeta (Drummond de Andrade, Carlos — *Poesia Completa e Prosa*. Rio de Janeiro, Cia. José Aguilar Editora, 1973, p. 194).

CIDADE PREVISTA

Guardei-me para a epopéia
que jamais escreverei.
Poetas de Minas Gerais
e bardos do Alto-Araguaia,
vagos cantores tupis,

recolhei meu pobre acervo,
alongai meu sentimento.
O que eu escrevi não conta.
O que desejei é tudo.
Retomai minhas palavras,

meus bens, minha inquietação,
fazei o canto ardoroso,
cheio de antigo mistério
mais límpido e resplendente.
Cantai esse verso puro,
que se ouvirá no Amazonas,
na choça do sertanejo
e no subúrbio carioca,
no mato, na vila X,
no colégio, na oficina,
território de homens livres
que será nosso país
e será pátria de todos.
Irmãos, cantai esse mundo
que não verei, mas virá
um dia, dentro em mil anos,
talvez mais... não tenho pressa.

Um mundo enfim ordenado,
uma pátria sem fronteiras,
sem leis e regulamentos,
uma terra sem bandeiras,
sem igrejas nem quartéis,
sem dor, sem febre, sem ouro,
um jeito só de viver,
mas nesse jeito a variedade,
a multiplicidade toda
que há dentro de cada um.
Uma cidade sem portas,
de casas sem armadilha,
um país de riso e glória
como nunca houve nenhum.
Este país não é meu
Nem vosso ainda, poetas.
Mas ele será um dia
o país de todo homem".

Bem sabem os leitores que nos processos de emigração e imigração já foram apontados, em causas mais recentes, a partir do fim do século, acontecimentos dolorosos e de injustificáveis privilégios. O autor do livro "Homens sem Paz", afirma, p. 18: A "própria restauração das finanças do Estado italiano, no primeiro decênio deste século, fato que criou o clima festivo em que se comemorou o primeiro cinquentenário da Unificação, não teria sido possível sem a coleta cuidadosamente preparada, das rendas da emigração". Ou ainda, na p. 21: "Podeis perdoar aos governantes da Itália o fato de não terem querido ou sabido nem resistir às poderosas sociedades de navegação, as quais, aumentando os fretes, impunemente agravaram os nossos ombros já curvos, de tal modo que entre nós se tem o absurdo, absolutamente único, de que o indigente, ao partir do exterior, seja obrigado a pagar caro para não morrer de fome em casa? "É interessante conhecer, segundo Constantino Ianni: "A relação com o Norte Industrial e os bancos, cujos interesses entrelaçam com os das sociedades de navegação". E o que dizer então — se é que a verdade serve o autor — os seguintes comentários da p. 15: "... A emigração se tornou um instrumento normal da política interna e internacional do Estado italiano. E assim tem insistido em vê-la com os mesmos critérios de antes de 1914, as classes governantes italianas, depois de 1945, que através dela transformam em renda certos aspectos negativos da estrutura econômica do país e graças a ela, adiado, durante um século, certas reformas de base, como a agrária"... "Assim, para o Estado italiano, a expatriação de um trabalhador é mais rendosa do que a sua ocupação no interior, pois custa menos e as remessas são igualmente uma componente da renda nacional". Já para Guido Dorso, na mesma obra, "a emigração do sul beneficiava o Norte da Itália". Dirá o leitor que o fenômeno migratório no Brasil não se iguala ao italiano — não é "Cosa nostra". Há de se distinguir muita coisa, inclu-

sive o apego que o nordestino tem à terra, nas mais adversas condições. Saem quando esgotam todos os recursos, mas estão sempre com o compromisso de voltar. Há um enraizamento telúrico que Euclides procurou, por todos os meios, decifrar. O que significa aquele agarramento a um meio rigoroso e implacável? Mas ele não esqueceu a advertência "de um agente geológico notável — o homem. Este, de fato, não raro reage brutalmente sobre a terra e entre nós, nomeadamente, assumiu, em todo decorrer da história, o papel de um terrível fazedor de desertos" p. 49. E propõe soluções que seu tempo e sua índole científica recobria de otimismo. Mas a reforma agrária como tantas vezes se falou, demagogicamente, só criou turbulências que interessaram às sangrentas conquistas do poder, nada tem a ver com a forma de organizar a cidade, equipar e urbanizar as áreas de produtos alimentícios, com fundamento científico, sólido e profundo. Estar preparado, equipado para trabalhar no campo, como se vai à fábrica, ao laboratório, à escola; estudar, pesquisar, examinar com acuidade de um médico, com o concurso de todas as competências, o problema do abastecimento, gradativamente suprimindo os limites entre a cidade e o campo; criando um parque industrial a serviço da luta contra a fome. Isto nos parece um delírio menos angustioso. E como diz o povo italiano "primo vivere, dopo filosofare". Ou melhor: "primeiro, a gente come; depois, a gente conversa".

Não há quem negue que o Banco Nacional da Habitação, numa determinada fase, colocou em destaque uma política de mão-de-obra, onde os critérios para qualificar a habitação não constituíam atividades precípua. Era inegável que o incentivo à construção, à atividade imobiliária, servia de válvula para transpor uma crise social maior. E o que apreenderam esses homens que vieram da Bahia, Minas, Goiás, Sergipe, Pernambuco ou do interior de São Paulo mesmo? Falo da cidade como escola.

Falo do campo como escola, no sentido etimológico primordial — de "schola", tanto em latim como em grego, isto é, de descanso, de ócio ou lazer, desde que se entenda um pelo outro, como tempo ganho à guerra para o desenvolvimento do indivíduo — social, isto é culturalmente realizado, um desalienado, como diria Rousseau.

Entretanto, o que aconteceu foi uma política atrabilharia e prejudicial até aos empresários. Aumentaram o número de edifícios, como aumentaram as favelas, com reduzido alcance econômico e alto custo social. No plano do conhecimento, das qualificações que aprimoram as condições humanas e distendem os processos acumulativos, amenizariam as relações entre a cidade e o campo. Ao invés, as Metrôpoles, como a nossa, se tornaram "silos de gente". Entretanto, pensamos num mundo que procura a paz construtiva, banir as derivações colonizadoras, as dependências subalternas, tanto econômicas como culturais.

É verdade que um trabalho de tamanha magnitude exige atenção permanente, porque envolve, tantas universidades, os poderes públicos e a própria população que participa de uma "universitas", por competência e não pela retícula privilegiadora dos computadores.

Não faltaria, por certo, onde encontrar e com quem contar tanta possibilidade de realização: cientistas, fontes de estudo, gente do Ceará, daqui e de fora; de competência e inestimáveis conhecimentos. Por isso, lá mesmo, os cearenses poderão decidir e encaminhar os projetos que tanto desejamos conhecer, para que o "campus universitário" seja de dimensão nacional. Caberia atentar às experiências e trabalhos realizados pelo Instituto de Estudos Brasileiros, em sua vocação para aproximar as Universidades de todas as regiões; os esforços de compilar documentação, de formar um centro de referência que alguns já chamaram a serviço da "memória nacional". Estudar as possibilidades de converter a contribuição regional em universal. Traçar caminhos emancipadores para um comércio lícito, resguardado por necessidades inadiáveis, mesmo porqu, a terra, a água, o sol servem de modelo aos homens que lá vivem ou viveram. Senão vejamos mais uma vez Euclides: "Barbaramente estéreis; maravilhosamente exuberantes... Na plenitude das secas são positivamente o deserto. Mas quando estas não se prolongam ao ponto de originarem penosíssimos êxodos, o homem luta como a árvore, com as reservas armazenadas nos dias de abundância e, neste combate feroz, anônimo, terrivelmente obscuro, afogado na solidão das chapadas, a natureza não o abandona de todo. Ampara-o muito além das horas de desesperança que acompanham o esgotamento das cacimbas".

E quando fala "ante o expandir revivescente da terra", afirma: "E o sertão é um vale fértil. É um pomar vastíssimo, sem dono".

William Morris um dos "pioneiros da arquitetura moderna", reconhecia uma incomensurável amplitude no território da arquitetura — "salvo o deserto".

Hoje, com os avanços da ciência e as aproximações da arte, nem isto mais aceitamos. O que parece desconcertante, na luta contra o deserto, é a possibilidade de desaparecer "um grande pomar sem dono".

Se tanto mencionei Euclides, não foi só pelas razões que já se evidenciaram. É que ele se prestaria a Seminários constantes, com a participação de estudiosos em vários ramos do conhecimento, abrangendo, desde as Faculdades de Medicina, às de Arquitetura, Geologia, Botânica, Letras, Antropologia etc. O mesmo poderíamos dizer dos Estudos de Renato Braga, sobre a Expedição Científica Brasileira de 1859, ou os Anais da Biblioteca Nacional n.º 81, de 1961, dedicado ao mesmo assunto e à figura do botânico Francisco Freire Alemão. Tais citações foram feitas de memória, mas sem esquecer que foi o poeta Gonçalves Dias o secretário dessa extraordinária Expedição Científica Brasileira.

Faltaram-me, no momento, os compêndios para dar às referências, as normas acadêmicas sempre recomendadas.

Por outro lado, os projetos, os riscos de autoria dos arquitetos e estudiosos da Universidade Federal do Ceará, serão, possivelmente, enviados pela própria Universidade, por intermédio do Curso de Arquitetura e Urbanismo, conforme foi sugerido.

Com os dados anteriormente remetidos, além dos depoimentos verbais, ficam os nossos colegas da Universidade de São Paulo, com subsídios para apreciar o sentido

deste trabalho e encaminhá-lo de forma conseqüente. Ele poderá inclusive constituir uma sugestão para criar aquilo que, em algumas universidades estrangeiras, chamam de "ano sabático", onde o professor tem a oportunidade de renovar seus conhecimentos aprofundar alguns estudos de campo e corrigir uma série de vícios de sua vida universitária.

A exposição de Francisco Nogueira, pintor de sabedoria popular e ingenuidade acadêmica, cujos quadros foram exibidos no Instituto dos Arquitetos do Brasil, em agosto de 1976, constituiu também um ponto de referência significativo, sobre a maneira como um homem de poucas letras e de salário baixo, habitando as casinhas típicas de Fortaleza, vê, interpreta e avalia, com seus próprios meios singelos, a maneira de viver da maior parte da população daquela cidade.

A exposição foi apresentada com uma publicação de literatura de cordel, de autoria de João Firmino e Raimundo Cassiano, impressa na Universidade Federal do Ceará. Isso mostra a leitura da vida urbana feita por um pintor servido de uma sensibilidade fortemente enraizada no amor por sua gente.